

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE JACOBINA - FFPJ
PROFª: Maria de Lourdes Carneiro Rocha
ALUNAS: Jacilma Oliveira de Almeida
Galdina Oliveira Santes Lima
Sandra Cristina Souza Lima Matos

Des

T R A B A L H O

S O B R E A M O N O G R A F I A

D E

J A C O B I N A

M E N S A G E M

Seja **UTIMISTA** - Acima das nuvens tempestuosas, o céu permanece azul

Seja **CONFIANTE** - Apesar do vendaval, as raízes garantem a sustentação da planta.

Seja **HUMILDE** - A terra recebe a lâmina do arado, na certeza de que sofre para melhor.

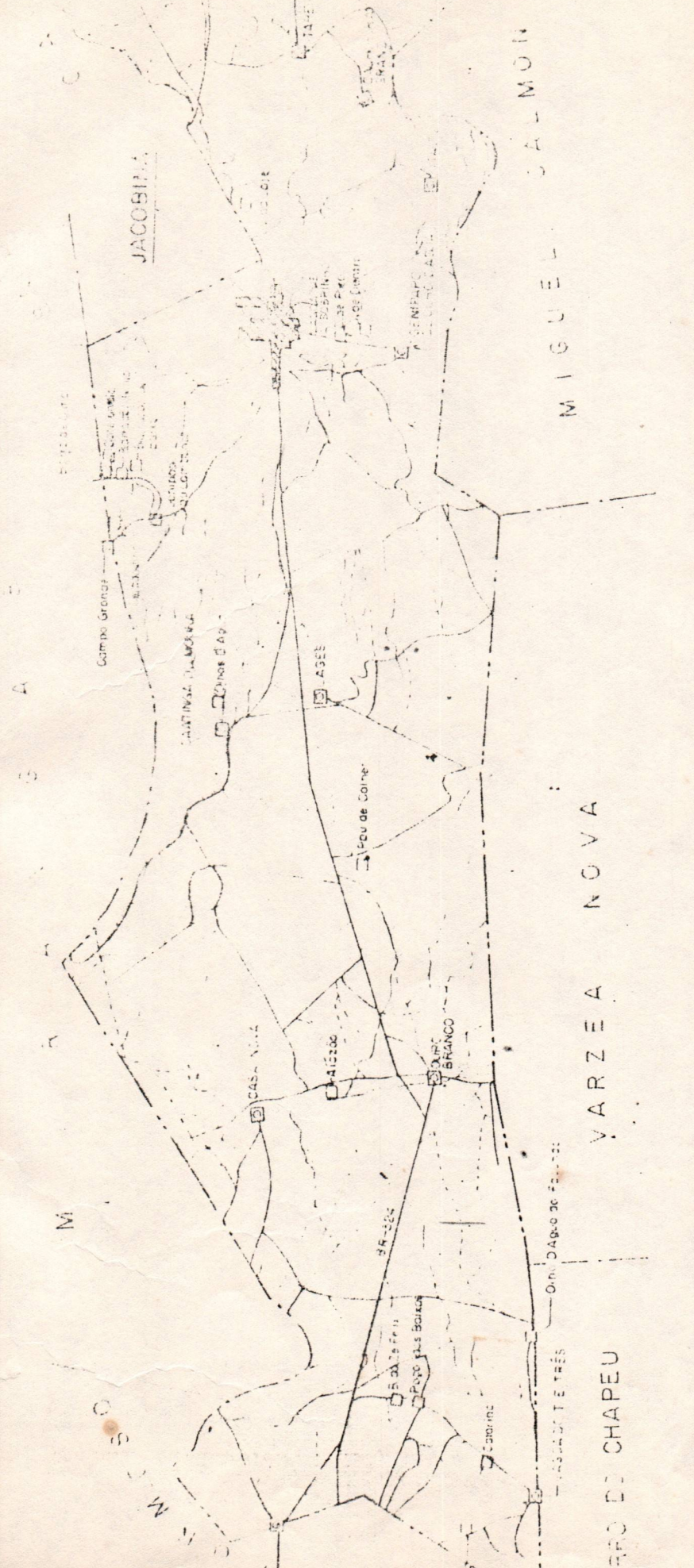
Seja **BENEVOLENTE** - O sol distribui luz e calor, tanto no jardim enfeitado como no terreno baldio.

Seja **COMPREENSIVO** - A fonte, ainda que poluída por mãos descaridas, renova-se incessantemente para continuar servindo.

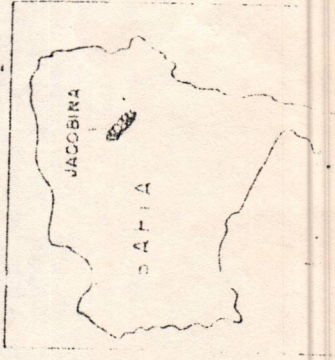
Seja **RESIGNADO** - A árvore aceita a poda, sem reclamação, e espera com paciência para florescer e frutificar, em nova estação.

Seja **SIMPÁTICO** - Apesar dos espinhos agressivos, a rosa jamais recusa seu perfume a quem dela se aproxima.

(Extraído da Coleção Pensamento Positivo, Edições Loyola, Roque Schneider)



MAPA DE LOCALIZAÇÃO



- Estrada Primária
- Estrada secundária
- Rua

MAPA POLÍTI
JACOBINA
 ESCALA

Pesquisa:

1. Introdução ao estudo do Município;

1.1 Situação geográfica;

1.2 Limite

1.3 Área

1.4 População do município

1.5 População da sede

1.6 Relevo (Orografia)

1.7 Hidrografia (Potamografia)

1.8 Clima

2. Informações históricas:

2.1 Primeiros exploradores. Descoberta do ouro. Criação da Casa de Fundação.

2.2 Origem do nome Jacobina.

2.3 Lenda sobre o nome Jacobina.

2.4 Criação da Freguesia.

2.5 Elevação à Vila. Inconvenientes do local. Mudança do local.

2.6 Estagnação da Vila. Causas.

2.7 Elevação da Vila à Cidade.

2.8 Atrações Naturais e Pontos Turísticos.

2.9 Principais Igrejas do Município. Lenda sobre a Igreja Matriz.

2.10 Manifestações religiosas e populares.

2.11 Manifestações folclóricas.

2.12 Fatos históricos congratulados por Jacobina através da sua Câmara de Vereadores.

2.13 Pessoas Ilustres.

2.14 Cultura de Elite.

2.15 Cultura Popular.

2.16 Economia do Município.

2.17 Usina de resfriamento.

2.18 Agricultura e pecuária.

2.19 Mina de Itapicuru

2.20 Comércio e Indústria.

2.21 Estabelecimentos bancários.

2.22 Comunicação, transporte, lazer e religião.

5.

2.23 Saúde, hospedagem e alimentação.

2.24 Educação.

2.25 Prefeito e Vice-prefeito atuais.

2.26 Conclusão.

2.27 Fontes de informações: Banco do Nordeste do Brasil - Apontamentes da Professora Doracy Araújo Lemos - PAPE - SURED.

1. Introdução ao Estudo do Município:

1.1 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O Município de Jacobina está situado na região Centro-Oeste/ do Estado da Bahia, dentro da chamada zona fisiológica da encosta / da Chapada Diamantina, chamada Piemonte, é totalmente incluída no / Polígono das Secas. A altitude do município é de 470,443 ml, acima do nível do mar com latitudes 11° 11' 8" ao Sul da linha do Equador e Longitude 40°30' a oeste do Meridiano de Greenwich.

1.2 LIMITES

Ao Sul: Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Várzea Nova.

Ao Norte: Saúde, Mirangaba e Caén.

A Leste: Riachão do Jacuípe, Santa Luz e Queimadas.

A Oeste: Campo Formosa.

Seus Distritos são: Itapeipu, Itaitu, São José do Jacuípe, / Caatinga de Moura e a Sede - Jacobina.

1.3 ÁREA

Seu território tem uma área de _____ correspondente a do total do Estado.

1.4 POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO

A população, devido ao recenseamento de 1980 é de 105.000 habitantes. A estimativa é de 130.000 habitantes.

1.5 POPULAÇÃO DA SEDE

É de 27.213 habitantes, segundo o censo de 1980. (População/ em junho de 1985 é de 80.881 habitantes.

1.6 RELEVO (OROGRAFIA)

O território municipal apresenta relevo bastante acidentado/ na parte central, onde chega a ser montanhoso. Noutros trechos é formado por planaltos e planícies ou por extensas áreas de caatinga. Os picos dominantes estão na serra da Bananeira com 500 m de altura, e/ a do Tombador com 400 m de altura. Jacobina tem várias serras como: / Itapicuru, Canavieira, Figuras, Babilônia, Batista, Santa Cruz, São/ Domingos, Agreste, Água Branca, Angico dos Algodões, Cabeça de Negros, Serra do Cruzeiro, Serra da Rainha, etc. As serras de Jacobina se for

maram na cenozóica ou terciária, sofrendo ação dos agentes eólicos e/ pluviais como consequência apresenta pequenas elevações. O estudo das serras se chama Orografia.

1.7 HIDROGRAFIA (POTAMOGRAFIA)

O município encontra-se distribuído por duas grandes bacias / hidrográficas: A do São Francisco e a do Itapicuru, servindo a Serra de Jacobina de divisor das águas, A Bacia do Itapicuru-Mirim, que // nasce na Serra do Tombador, correndo de Oeste para Leste e passando/ dentro da cidade onde se conflui com o Rio do Ouro, lendário rio das "Águas douradas".

Ainda faz parte do sistema hidrográfico de Jacobina a Lagoa / de Antônio Sobrinho, de aproximadamente 6Km². Há ainda os rios Sapucaia, Catuaba, Bananeira e Bagres.

Os afluentes do Rio Itapicuru-Mirim são: Margem esquerda - // Rio do Ouro, Cocho, Tabocas, Sapucaia, Timbó, Bom Jardim. Margem direita - Canavieira, Catuaba, Bagres. O Rio Salitre nasce em Jacobina.

1.8 CLIMA

A temperatura varia entre 18° a 35° C. Clima quente, semi-árido. A temperatura máxima ocorreu em 31/12/65 com 38°,2 e a mínima em 31/06/63 com 0,8°.

O grau pluviométrico é de aproximadamente 900mm. Em 1955 registrou-se apenas 500mm.

2. Informações Históricas

2.1 PRIMEIROS EXPLORADORES - DESCOBERTA DO OURO - CASA DE FUNDIÇÃO:

1º Belchior Dias Moreira - "O Muribeca", o primeiro a aqui // chegar fundando uma fazenda (1615).

2º Antônio Brito Correia - (1652) por intermédio do Conde de Ataguaia, obteve uma Ses Maria, que posteriormente estabeleceu um // curral que servisse para seu criatório. O local escolhido foi Jacobina, que satisfazia todas as características para a criação de gado./ Os currais e vaqueiros se estabeleceram em torno da Lagoa do Gado, / que se presume ser a Lagoa de Antônio Sobrinho. Ele veio acompanhado de muitos colonos e escravos.

3º Os Guedes de Brito - Chegaram trazendo colonos e escravos, aqui fincou os currais desenvolvendo as atividades suplementares de criação de gado e culturas agrícolas essenciais. Os primeiros donos

das terras de Jacobina: Antônio Brito Correia, Antônio Guedes de Brito, Romão Gramacho Falcão, Antônio da Silva Pimentel, João Peixoto / Veigas.

4º Antônio da Silva Pimentel - Pediu permissão ao rei de Portugal para construir uma Igreja. Licença que lhe foi concebida pela Rainha Catarina da Grã-Bretanha e Infanta de Portugal no impedimento do seu irmão D. Pedro II. Ele poderia construí-la à suas custas / e também manter um pároco, sem nenhuma despesa para a Fazenda Real. E assim nossa Igreja Matriz foi construída em virtude do Alvará Régio de 07 de maio de 1705.

6º Romão Gramacho Falcão - Construiu a Igreja de São Miguel, / no atual povoado de Figuras. Escolheu esse nome de São Miguel por // ser esse Santo padroeiro dos mineiros.

7º Os irmãos Manoel e João Gadelha - (1652)

8º Lourenço Matos - (1652)

DESCOBERTA DO DURO

Em princípios do século XVII, a corrida de bandeirantes e portugueses às minas de ouro descobertas em terras do atual município / (ao que se sabe por Robério Dias) foi a origem da corrente inicial / do devassamento e povoação de Jacobina. A notícia de exploração de // minérios fez fluir ao lugar numerosos contingentes humanos, vindos / de recantos longínquos, para aí se aglomerarem sedentos de ouro fácil. Um dos primeiros a chegar foi Belchior Dias Moreira. Depois dele, por volta de 1652, quando a mineração já ocupava 700 bateias, ali chegou Antônio de Brito Correia e depois os Guedes de Brito, estes acompanhados de muitos colonos e escravos.

CRIAÇÃO DA CASA DE FUNDIÇÃO

A exploração aurífera prosseguia fora do controle oficial e / em escala tão crescente que o governo da metrópole, para melhor garantir a arrecadação do seu dízimo, por Provisão do Conselho Ultramarino de 13 de maio de 1726, determinou que o Governador da Província criasse duas Casas de Fundição, sendo que uma deveria instalar-se em Jacobina em 15 de janeiro de 1727 e outra em Rio de Contas. O resultado foi surpreendente e auspicioso, arrecadando-se, na mina / de Jacobina, em apenas dois anos, cerca de 3.841 libras de ouro, não obstante a difícil fiscalização sobre atividade de tal natureza.

2.2 ORIGEM DO NOME JACOBINA

Segundo Teodoro Sampaio o topônimo de origem Indígena, Jacobina, significa:

- Campo aberto;
- Campo vasto;
- Espaço limpo;
- Trecho calvo, despido de vegetação.

Segundo Afonso Costa, em seu livro "Jacobina minha Terra de Antanho e de Agora" significa a mesma coisa: "Os aborígenes viam por aquelas terras todas, extensões muito longas, espaços despídos de vegetação umbrosa, levantando-se aqui e acolá as serras nuas de árvores.

E então para o índio figurava muito acertadamente Jacobina".

André João Antonil no seu livro: "Cultura e Opulência do Brasil", grafa as seguintes formas ortográficas, que com o decorrer do tempo teria passado o nome Jacobina: Iacobina; Iacoabina; Jacuabina// Jacoabina e por fim Jacobina.

2.3 LENDA SOBRE O NOME JACOBINA

Há todavia uma lenda a respeito do nome do município, que se reporta a existência de um casal de índios: ele chamado "Jacó e ela "Bina". Consoante a mesma lenda o casal indígena recebia amigavelmente em troca de presentes, brancos aventureiros que ali hospedavam. Usando da influência que tinha na taba conseguia o casal, vencer a hostilidade de outros índios em relação a seus hóspedes. Conclui, então a lenda, que após morrerem os índios muito velhos, o local ficou sendo conhecido como o de "Jacó " e "Bina", cuja grafia com o decorrer do tempo formou o nome Jacobina.

2.4 CRIAÇÃO DA FREGUESIA

A sede da Freguesia de Santo Antônio de Jacobina, foi instalada em 1682 na atual Campo Formoso, abrangendo os municípios de Jacobina e Santo Antônio de Jesus.

extensão. Foi criada por ordem do 2º Arcebispo da Bahia D. Frei João de Madre de Deus.

Com a mudança da Vila de Santo Antônio de Jacobina para a Missão do Bom Jesus da Glória, a Freguesia também foi transferida e reinstalada em 1752, por ordem de 4º Arcebispo do Brasil, D. José Botelho de Matos. Sendo seu 1º vigário José de Souza Monteiro.

2.5 ELEVÇÃO À VILA - INCOVENIENTES DO LOCAL - MUDANÇA DO LOCAL

Superando vários fatores sociais negativos, o progresso opulento que emanava das minas, adquiria forma e a Coroa Portuguesa promoveu por Carta Régia de D. João V, dotada de 05 de agosto de 1720, o barulhento arraial à categoria de Vila, com o nome de "Vila de Santo Antônio de Jacobina", integrada pela freguesia de Santo Antônio de Pambu e Santo Antônio de Urubu, ficando igualmente criado o município. O lugar escolhido para a Vila recém criada foi chamado Missão de Nossa Senhora das Neves do Sau, criada em 1697 para a catequese dos índios Carirís Caimbre, na área atual do município de Senhor do Bonfim, onde veio a ser instalada a 24 de junho de 1722, em solenidade presidida pelo Cel. Pedro Barbosa Leal, na qualidade de representante do vice-rei e do governador da Província, Vasco Fernandes César de Menezes, / o Conde de Sabugosa e IVº Vice-Rei do Brasil.

Por estar situada em lugar distante das minas, pensou-se em // mudá-la para o local mais acessível. Sítio Lagoa; Nas proximidades da Igreja de Santo Antônio; Povoado de Figuras; Povoado dos Coqueiros; E por fim achou-se melhor mudar para a Missão do Bom Jesus da Glória, / em 15 de fevereiro de 1724, porque essa ficava dentro das minas, por solenidade presidida pelo ouvidor geral da Comarca, Pedro Gonçalves / Cordeiro Pereira. Essa Missão, também foi fundada por franciscanos em 1706, para a catequese dos Paiajá e que ali construíram a Igreja e o / Convento do Bom Jesus da Glória.

2.6 ESTAGNAÇÃO DA VILA : CAUSAS

A partir de 1848, a notícia da descoberta dos diamantes na Chapada Diamantina, determinou o êxodo de grande número de mineiros, sempre ávidos por novas aventuras.

Seguiu-se então a prolongada fase de paradeiro, que provocou o declínio das atividades locais, causa da demora para a elevação da Vila à categoria de cidade.

2.7 ELEVACÃO DA VILA A CIDADE

Em 1880, pela Lei Provincial 2.049, de 28 de julho de 1880, a Vila foi elevada à cidade. Valendo-lhe o título de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. Sua instalação ocorreu a 11 de janeiro de 1893, no governo de Joaquim Manoel de Rodrigues Lima. Esta Lei foi sancionada pelo presidente da província Antônio de Araújo de Aragão Bulcão.

2.8 ATRAÇÕES NATURAIS E PONTOS TURÍSTICOS

A Gruta dos Ossos - A 75 km da sede. Aí foram encontrados restos de grandes animais pré-históricos. A Gruta dos ossos, pertence à fazenda do Sr. José Pires (Juca), fazenda herdada do seu pai Sr. Ernesto Pires. É a fazenda Cais. Lá foi encontrado um Megatério, esqueleto montado de 2m de altura. É um mamífero de era paliocênia. Encontra-se na estrada do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Foram encontrados outros ossos menores que também encontram-se em museus. Os índios viviam ali, naquelas malocas naturais. Possui acesso fácil, entrada de Ouro Branco - Casa Nova.

Cachoeira de Aníbal - A 3km da sede com 50m de altura e 3 quedas.

Cachoeira do Caldeirão - A 8 km da sede com 30m de altura. É formada pelo rio Canavieiras.

Fonte de Itaitu - De água magnesianas. É uma nascente natural que vem dos tempos da mineração.

Lagoa de Antônio Sobrinho - A maior de toda a região. A 5Km da sede. É a antiga Lagoa do Gado, onde o desbravador Brito Correia em 1952 estabeleceu currais acompanhado de colonos, vaqueiros e escravos.

As nascentes do Rio do Ouro -

A serra do Tombador - pela beleza de suas pedras areníticas.

A serra do Cruzeiro - Com suas escadarias onde se descortina toda a cidade.

Hotel Serra do Ouro - Construído em local privilegiado, no alto da Serra da Caixa, no Monte Tabor, a área mais nobre de Jacobina. Está a 600m de altura com clima serrano e vista panorâmica. Com 28 apartamentos, 4 suítes, piscina, restaurante, bar, lanchonete, salão de jogos, quadra de esportes, etc.

Lagoa do Jenipapo - Ótima para banhos e muito bonita. A 14Km da sede.

O Alto da Missão - Antes já era um local agradabilíssimo onde se podia apreciar a beleza da natureza.

nel pintado por Cícero Matos e a estátua do Sr, Francisco Rocha Pires, muito justa homenagem àquele que foi o grande benemérito desta terra, o alto demais pitoresco da cidade.

2.9 PRIMEIRAS IGREJAS DO MUNICÍPIO - LENDA SOBRE A IGREJA DA MATRIZ

Igreja da Missão - Localizada num dos mais belos pontos da // cidade, no amplo jardim da Missão. O destaque do momento é para o // capricho de sua linha arquitetônica de especial beleza. A planta baixa evita as linhas monótonas e contém vários planos a rodear o telhado. No interior a simplicidade.

Igreja da Conceição - Fica situada próximo a praça Rio Branco. Data de 1759 e a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi trazida de Portugal.

A Igreja Matriz de Santo Antônio de Jacobina - Construída pelo Alvará Régio de 07 de março de 1705 por licença concedida ao Se-nhor Antônio da Silva Pimentel pela Rainha Catarina da Grã-Bretanha/ e infanta de Portugal durante o afastamento do seu irmão o Rei de // Portugal D. João II. No município ainda podemos citar as Igrejas de Itaitu (Riachão) e das Figuras. Portanto também século XVII.

A imagem de São Miguel do povoado das Figuras foi construído/ pelo bandeirante paulista, Romão Gramacho Falcão no ano de 1755.

Lenda sobre a Igreja Matriz - A imagem de Nossa Senhora do Rosário teria sido encontrada ao pé de uma choça de mineiros que havia nesse lugar, e sob um topo de gameleira, logo que apareceu essa ima-gem, uma certa matrona, dona dessas terras, queria levantar ali uma/ igreja em honra a Nossa Senhora do Rosário no mesmo local onde a i-magem foi vista.

De fato haviam antigos alicerces de igreja que se encontra-vam até pouco tempo na Praça Rui Barbosa à retaguarda da Matriz, que papéis envelhecidos constam terem sido feitos para a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

O senhor Afonso Costa em seu trabalho "Jacobina minha Terra / de Antanho e de Agora", levanta a pergunta: "Haverá por ventura ape-lação entre a lenda da ereção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário/ e os cárceres de que se construiria a Igreja sob a invocação de Nos-sa Senhora dos Remédios?" É certamente interessante que ainda hoje / no altar mor ao lado esquerdo (de quem entra) da atual Matriz de Santo Antônio uma linda imagem de Nossa Senhora do Rosário.

2.10 MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E POPULARES

A maioria das festas, são de caráter religioso, com exceção da Micareta, que é uma festa eminentemente popular de Jacobina, sendo considerada como a melhor das realizadas na região da encosta da Chapada Diamantina. Os blocos, batucadas e trios elétricos são responsáveis pela animação das ruas. Além disso, também os clubes sociais abrem suas portas para grandes bailes carnavalescos. A Micareta é realizada em data móvel, em função da Quaresma, e atualmente atrai centenas de foliões procedentes de cidades circunvizinhas e até mesmo da capital.

Festa de São Benedito - Em data móvel, entre maio e junho, é celebrada, com missa e procissão, a festa de São Benedito, uma das festas religiosas mais populares de Jacobina. A população comparece em massa para acompanhar a procissão. Muitos vêm descalços, pagando promessas. Há pessoas que carregam feixes de lenha na cabeça para queimá-las na frente da igreja. Após a missa, são distribuídos pãezinhos bentos (pães de São Benedito) para os fiéis que costumam guardá-los na farinha, para que sempre haja fartura em suas casas.

Festa do Divino Espírito Santo - Trata-se de tradição centenária da terra. Festa móvel entre os meses de maio e junho, é das mais bonitas. Pelas ruas sai desfiles de bandeiras que simbolizam o Espírito Santo, acompanhado pelas centenas "Filarmônica Dois de Janeiro". Na frente, uma delas é transportada por um membro da irmandade, que usa capa vermelha, e é seguido, durante a procissão, por outro membro que conduz uma bandeira para oferendas. Ao entrar nas casas, a bandeira é recebida por toda a família, que deverá ajoelhar-se, beijar a bandeira e fazer a sua oferta em dinheiro ou em forma de doação de animais. Durante a missa, é sorteado o "Imperador" da cidade e seus alféres. Terminada a missa, o Imperador do ano anterior passará a coroa para o Imperador sorteado, o qual é conduzido, em cortejo festivo, até sua residência. O mesmo ritual é repetido para conduzir os Alféres com a Bandeira do Divino Espírito Santo.

Festa da Missão - Esta festa é iniciada pelo Natal e se prolonga até o dia 6 de janeiro, "Dia de Reis". É comemoração que atrai os mais variados tipos de diversões comuns às festas; já é tradição a "feira chique", com mesas de jogos, barracas as mais diversas e até os programas de calouros que nesta ocasião revelam valores da terra e canções populares.

Quase todas as festas religiosas realizadas em Jacobina, são acompanhadas pelo grupo folclórico "Marujada".

Festa de Santo Antônio - Padroeiro da cidade, dia 13 de junho com missa e procissão pelas principais ruas da cidade acompanhada pela "Filarmônica 2 de janeiro", tocando músicas religiosas e a Marujada cantando, dançando e louvando Santo Antônio, É também popular.

Festa de Nossa Senhora da Conceição - Nossa Senhora da Conceição é festejada em 8 de dezembro. É comemorada com missa e procissão. É uma festa de grande importância popular, porém, nota-se em anos anteriores ser ela de caráter eletista como era a festa do Divino Espírito Santo.

Festa de São Miguel das Figuras - São Miguel das Figuras é o Santo padroeiro dos garimpeiros nas minas de ouro. No topo de uma // serra erguem sua capela, e no último domingo de setembro, fazem, sempre uma grande festa em sua homenagem. Ali armam barracas em torno / da capela para venda de comidas e doces, bem como livretos, rosários velas e outros objetos. Nessa festa, pagam-se promessas e celebram- / se novenas. Tudo começa com dez dias de antecedência e geralmente no último dia, são celebrados casamentos e batizados.

Festa de São Roque - Na vila de Itaitu, no dia 16 de agosto, a festa de São Roque é celebrada com grande animação. O curioso ponto de festejos é o leilão, que apresenta as coisas mais originais e autênticas: cachos de bananas, bolos caseiros, galinhas, perus; mas / não será espanto ou surpresa se, entre as prendas encontrar-se uma / vaca ou um bezerro. A finalidade é sempre a mesma: contribuir para o êxito da festa.

Corpus Christie - Também em data móvel. Festa comemorada com missa e procissão com o Corpo de Cristo, levado pelas ruas da cidade sob o palho carregado por alguns homens.

As ruas são enfeitadas com lindos tapetes de flores, enfeitados com motivos sacros organizados pelas pessoas de cada bairro, por onde a procissão há de passar.

2.11 MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

A tradicional Marujada que se apresenta, durante as festas religiosas de S. Benedito e S. Antônio, é um folclore Jacobinense, o / qual foi introduzido em nossa comunidade há muitos e muitos anos pelas tradicionais famílias que se estabeleceram em Jacobina (Labatut e Carangueijo), que viriam representar adiante, papel preponderante no desenvolvimento sócio-cultural de uma comunidade ancestral. Uni- / dos a outros que aqui já habitavam de cor preta ou não, como a dos / Capim, essas famílias, de origem nobre e real, (descendentes de reis

15
africanos), passaram a transmitir, a viver, a professar a sua crença e os seus costumes e as suas tradições.

De uma estirpe que não conhecemos, talvez a dos Caturebas, foi entre nós revivido o ritual dos quilombos, espécie de afoxé místico angolês, que anualmente, ao dia 2 de julho, para festejar a Independência da Bahia, iam às ruas vestidos de calça (arregaçadas) e camisa branca de carapuças (barretas cômicas) vermelhas e viradas para / trás, com uma toalha branca em volta da cintura. Constituía-se de um quilombo completo, comandados por dois Bastiões, quatro calafetes, / uma Catarina Velha e uma moça, que tentava curar o molequinho de fei-
tiço cantando assim:

...Xô, xô passarinho
do arroz de sinhá...

- E o molequinho sempre morria.

Entrementes, uma outra política de costumes se desenvolvia no recesso das grandes famílias, Carangueijo e Labatut, adidas que eram da dos Capim, todos de étnia de realza africana. As evocações de su-
as terras, quando ainda nas grandes senzalas do Brasil eram de canta-
res lânguidos, nostálgicos, que nos contavam uma história do mar en-
tre marujos, almirantes, contra-almirantes, generais, onde os negros
seriam heróis que traziam granadas no peito e jóias de ouro na mão./
Fervorosos adeptos do Santo preto, traziam no seu folclore e fusão /
de misticismo transcendental, de beleza incomensurável e nada agnós-
tica. Em meio ao ritual, que queria representar o poderio negro, o /
general diz que merece distintivo e que mandou buscar ferros na Ba-
hia (Salvador), a fim de castigar o inimigo.

É a marujada em toda a sua exuberância afro-brasileira com- /
posta de um Mestre, um Contra-mestre, um Capitão, dois Calafetes //
(meninos), Hoje usam oito - um General e tantos marujos quantos forem
uma armada que tocam castanholas ritmadas, por uma vida e um pandei-
ro.

Os marujos se reúnem na casa do chefe, quanto ao número de ma-
rujos que fazem parte não é fixo.

Graduação atual da marujada:

Mestre: José Carlos S. de Paula (Santo)

Contra-mestre: Antônio Ciríaco (Leitoa)

Capitão: Evangelino

General: Manoel (Néo)

João Vicente de Deus: o conhecido, lendário João Carangueijo,
sobrinho e afilhado do velho Benedito Carangueijo, deste herdou a //

tradição dos festejos de S. Antônio e S. Benedito, juntamente com os Capim (João Paulo, Amâncio e Antônio). Aliás evoca-se a Porcina Capim que, por mais de dez lustros, foi zeladora da Igreja das Missões como era Sá Bila da Igreja Matriz.

As famílias Carangueijo e Labatut (estirpe de José Labatut) recebiam ordens de Benedito e depois de João da Mata e outros.

Sucedeu a João Carangueijo o seu filho Manoel Teodoro Vicente de Deus, que, com seus irmãos Ladislau, Maximino e Lúcio, construíram com a tradição. Entretanto, com a morte de Manoel Teodoro, foi interrompida uma cadeia sucessória até então destinada aos Carangueijos, pois pela primeira vez, devido a escolha de Joaquim Francisco de Paula (Joaqui Polia) para almirante da Marujada, um autêntico Labatut que era, a dinastia dos Carangueijos perdia a liderança da Marujada, perda que mais se agravou com a escolha de outra cria Labatut, para Diretora da Marujada, escolha que recaiu na pessoa de Antônia Francisca dos Santos, irmão de Polia.

Porém, naquela ocasião, para apaziguar o conflito entre as duas famílias, foi escolhido para Contra-mestre um da linha Carangueijo, o senhor Antônio Ciríaco dos Santos, popularmente conhecido por Leitoa ou Bute. Embora não seja da linhagem de nenhuma das duas famílias, é casado com uma legítima Carangueijo (Juventina Vicente de Deus).

CANTOS DA MARUJADA

Canto nº 1

Mas quando na barra chegamos - bis
Todos com medo do mar - bis
Meu Padre São Benedito |
Vós queira nos ajudar | bis

Canto nº 2

Nós descemos da Missão
Com tanta felicidade
Visitar São Benedito |
E a Santíssima Trindade | bis

Canto nº 3

Alerta, alerta quem dorme - bis
Sai a moça na janela,
Ói venha ver, a triste vida, |
Que o pobre marinheiro leva | bis

Canto nº 4

Ói viva, viva, viva, viva, viva - bis
A quem viemos louvar
A meu Padre São Benedito |
Louvares viemos dar | bis

Canto nº 5

Que bela festa - bis
Que bonita igreja - bis
O santo dela - bis
Que se festeja - bis

Canto nº 6

Arretiremos, arretiremos
Sem mais demora - bis
Todos contentes
Vamos embora - bis

2.12 FATOS HISTÓRICOS CONGRATULADOS POR JACOBINA ATRAVÉS DA SUA CÂMARA DE VEREADORES.

Jacobina e a Independência

Com este título inicia-se a ata da sessão extraordinária em / que a casa de vereadores da Vila de Santo Antônio de Jacobina con -/ gratula-se pela emancipação política do Brasil, dando todo o apoio / ao governo do príncipe D. Pedro I.

Estando presentes o juiz, vereadores, capitães e seus oficiais empregados públicos, o reverendo, as demais pessoas, o povo, o juiz/ ordinário, capitão Manoel Teixeira de Carvalho.

Tomando o livro dos Evangelhos entregando ao vereador mais ve lho o qual proferiu o seguinte juramento: "Juro pelos Santos Evange - lhos, Obediência a sua Alteza Regente Constitucional do Brasil e seu Protetor e Defensor Perpétuo felicidade e adesão à causa do Brasil e obediência ao Conselho Interino do Governo da Província. Assim Deus me ajude".

Em seguida todos os presentes proferiram o mesmo juramento is to a 21 de outubro de 1822.

Abolição da Escravatura

A Proclamação do Conselho Municipal por ocasião da abolição / da escravatura, tendo como representante o Coronel Galdino César de Moraes no dia 22 de maio de 1888, secretário da Câmara, lavrou a a- ta em comemoração a abolição da escravatura e enviou uma mensagem de Congratulação à Princesa Isabel.

Guerra do Paraguai

Ao terminar a guerra do Paraguai em 1870 a Câmara de Vereado- res credenciou os Deputados Gerais Luís Antônio Pereira Santos, Joa- quim Jerônimo da Cunha e José Gonçalves da Silva para a missão de le- var o Imperador D. Pedro II e ao seu genro Conde D'Eu as felicitações, pelo evento o qual foi agradecido pelo Imperador por intermédio do / Barão de São Lourenço, Presidente da Província da Bahia.

2.13 PESSOAS ILUSTRES

Antônio Manoel Alves de Mesquita, nasceu em Portugal na cida- de do Porto em 29 de fevereiro de 1840.

Com 13 anos de idade veio para o Brasil, fixando-se em Jacobi na, onde já residia um tio. Casou-se com Maria Guilhermina Soares Ro cha, Jacobinense e neta do Capitão-mor, Manoel Soares da Rocha. Foi/

o primeiro entendente de Jacobina tendo tomado posse em 1893. Faleceu nesta cidade em 16 de maio de 1904.

D. Frei José do Menino Jesus, religioso da ordem Carmelita - descalça, mestre em teologia, Pregador Régio e Examinador Sinobel do Patriarcado em Lisboa,

Com 45 anos completo foi eleito bispo do Maranhão. Em 1783 foi transferido para o bispado de Vezou em Portugal. Foi o primeiro brasileiro designado para reger a diocese maranhense, a ter glória de // ser ordenado com as refulgências do mundo episcopal a nível de bispo.

Coronel Galdino Cézar de Moraes, foi intendente de 1846 a 1903 e de 1924 a 1928. Foi o idealizador e presidente da companhia de luz e força de Jacobina, festivamente inaugurada em 15 de agosto de 1928 que se constituiu no 1º serviço de fornecimento de energia elétrica à cidade. Nasceu a 6 de novembro de 1857 e faleceu a 4 de fevereiro de 1946, grande líder político.

Francisco Rocha Pires, nasceu em 26 de junho de 1895 e faleceu em 9 de abril de 1974.

De 1920 a 1924 foi entendente de Jacobina. A seguir foi deputado Estadual até o seu falecimento, quando se encontrava da décima Legislatura Consecutiva, fato raro na história política brasileira.

Rocha Pires foi o grande benemérito de toda região do Noroeste baiano sendo inclusive o responsável pela abertura e posterior asfaltamento da Rodovia Jacobina a Feira de Santana, construção do Hospital Regional Vicentina Boulart em Jacobina e líder da emancipação dos municípios de Caén, Mirangaba, Serrolândia e Várzea do Pôço.

Trouxe também a energia de Paulo Afonso para a região e foi anfitrião do Juscelino e Jânio Quadros este em campanha eleitoral para a presidência. Chico Rocha foi candidato a vice-governador da Bahia, na chapa de Lomanto Jr.

Como pecuarista notabilizou-se por ser um dos maiores criadores de país, principalmente das raças Gir e indubrasil.

Manoel Cavalcanti Novaes, nasceu a 6 de março de 1908 em Floresta, estado de Pernambuco. É cidadão Jacobinense desde 1974 quando recebeu por unanimidade o título ortogado pela Assembléia Legislativa. Foi o reconhecimento de todos os baianos pelos grandes serviços prestados por este ilustre homem público ao estado da Bahia e em particular a região Nordeste da Bacia Sanfranciscana pela instalação em Jacobina da SUVALE (Superintendência do Vale de São Francisco) atual CO-DEVASF, que tantos benefícios trouxe para o município constituindo-se no Órgão Federal de maior atuação na área.

22
tura em São Paulo, onde também desempenhou as funções de chefe de polícia.

Afonso Costa, jornalista e escritor de grande nomeada. É um // dos nossos historiadores apresentando a monografia "Jacobina minha / Terra de Antanho e de Agora", Anais do congresso de Geografia 1916 vol. II, pág. 250.

Inácio da Silva Pimentel, filho de Jacobina, soldado granadeiro de 2 regimentos de linha, participou ativamente da Conspiração Baiana de 1964 Revolução Social do Brasil.

Profª Maria da Glória Figueiredo, primeira do curso feminino de Jacobina. Aqui nasceu tendo aprendido Português, Francês e Latim com o próprio pai. Foi nomeada pela JJ Barbosa de Oliveira, então Diretor Geral dos Estados para lecionar como profª adjunta do Instituto de mulheres depois "Escola Normal de Salvador"; não aceitando a nomeação para não sair de sua terra.

Profª Manoel Rodrigues da Costa Braga, foi professor da primeira escola para meninos instalada aqui em 1820.

Profª Alice Barros de Figueiredo, grande professora primária dedicada ao ensino, lecionando durante muito tempo aos filhos desta terra. Os seus ensinamentos foram transmitidos a duas gerações pais e filhos.

Profª Maria Prima, apesar de não formada possuía grande cultura não só ensinando como também era exímia nas artes manuais, bordando, a ouro as vestes dos nossos santos.

2.14 CULTURA DE ELITE

A cultura de elite era formada de:

- a- Altos cargos administrativos;
- b- Grandes fazendeiros;
- c- Profissionais liberais.

1. Francisco Rocha Pires - fazendeiro e político.
2. Galdino César de Moraes - fazendeiro e político da região.
3. Manoel Fulgêncio de Figueiredo - fazendeiro e político.
4. Antônio Manoel Alves de Mesquita: comerciante e político.
5. Arcênio Cesar de Moraes - Político, irmão do Coronel Galdino César de Moraes.
6. Ernestino Pires - fazendeiro e político (avô de Dr. Carlito).
7. José Rocha Pires - fazendeiro e político. Pai de D. Loulinha e Mãe de Dr. Zeli.
8. Manoel Rocha Pires - fazendeiro e político. Irmão de José Rocha Pi-

9. Reinaldo Jacobina Vieira - fazendeiro político. Pai de D. Reinilde, esposa de Dr. Ângelo, D. Cromilda, esposa de Dr. Florí.
10. Amado Barberino - fazendeiro e político, pai do Dr. Florisvaldo // Barberino.
11. Gustavo Souza - profissional liberal e homem de cultura política.
12. Raimundo Azevedo - profissional liberal e homem de grande cultura.
13. Cel. Antônio Teixeira Soares - político de destaque na região.
14. Cel. Deraldo Dias de Moraes - Deputado Federal e comandante superior da Guarda Nacional.

Política do Coronelismo

Merecem destaque os partidos do coronel Galdino César de Moraes e do Sr. Ernestino Pires, liberal e conservador. Embora estivessem ligados por laços de parentescos era entre ambos rivalidade, a luta partidária desafiando-se através dos anos e insultos mútuos, através das // colunas, dos jornais da capital.

A mudança da feira livre era para o povo da cidade o marco da / referência se a política estava de cima ou de baixo (conforme a expressão usada). Se a feira subia ganhava a política de Ernestino Pires, ou se a feira descia para de cima estar a política do Sr. Galdino César / de Moraes.

Clubes Locais

A sociedade Filarmônica 2 de janeiro, fundada a 2 de janeiro de 18 .Sociedade Filarmônica Aurora Jacobinense fundada a 8 de setembro / de 1879. (Em decadência)

Nestes clubes continuava a política do coronelismo, que comandava seus associados, pois quem fazia parte da 2 de janeiro, não frequentava a Aurora e vice-versa.

As Filarmônicas dessa sociedade até nos "Dobrados" havia rivalidades. Quando queriam apresentar algum **Dobrado** novo ensaiavam fora da cidade. Porém acontecia que um espiava e não se sabe quando, tinha uma decepção de ouvir a sua rival tocando aquele Dobrado ensaiado com tanto segredo.

Os cognomes eram engraçados: "Chicopéia", A Filarmônica 2 de janeiro e "Calumbir", era o apelido da Aurora.

As cores do clube: vermelha - 02 de janeiro; Azul - A cor da Aurora.

O associado que se prezasse, não vestiria a cor característica

seus associados e ao povo em geral.

2.15 CULTURA POPULAR

Entre os tipos populares devemos mencionar D. Marcelina.

Era uma velha de cor, lavadeira, engomadeira que durante as folias do rei momo organizava blocos saindo às ruas com sua gente, pessoas humildes, dançando como porta-bandeira, mestre-sala, determinando todas as manobras que os componentes do grupo deveria efetuar.

A maior importância está no respeito que sabia impor ao grupo. Dançava juntamente com seus filhos e todos que carinhosamente a chamavam de Tia Marcelina, brincavam os três dias da Micareta, sob a sua orientação irmanados, apenas esquecendo as durezas do trabalho cotidiano.

Dor de Barriga, o seu nome verdadeiro não importa. Era tão conhecido quanto o prefeito e o padre. A particularidade curiosa dessa figura é sendo ele um pedante, agradecia as esmolas recebidas, contorcendo-se como se estivesse sofrendo dores horríveis, dando gritos.

Diziam que era louco, mas o fato é que até retratos de Dor de Barriga havia espalhados pela cidade.

Joaquim Polia, almirante da marujada, decendente de linhagem // dos Labatut.

Era uma figura popularmente conhecida na cidade, pois, era também, o coveiro do cemitério local.

Leitoa ou Labatut, contra-mestre da marujada sempre participando do nosso folclore que tudo faz para sua preservação.

Binha Grassi, em verso de cordel publicados na coluna do Semanário "Correio da Cidade" na tentativa de preservar a maneira de Jacobina apresentar a sua história com fatos ocorridos no passado em forma de versos é a leitura de Cordel.

Diolino Freire Aragão, em Literatura de Cordel, conta a História da origem de Jacobina.

Tendo publicado também em Literatura de cordel: "O Naufrágio do Barco", "Novo Amapá", demonstrando inteligência na arte de beijar.

Como cultura popular chamaremos a atenção para a sociedade dos artistas jacobinenses, fundada por um grupo de artifício. Tinha como objetivo unir a classe operária, fazendo-a participar culturalmente do progresso que já vinha sentindo na cidade. Muitas festas foram ali organizadas pois enquanto a Elite dançava na Sociedade Aurora ou na Sociedade 2 de janeiro, o povo dançava no salão dos Artistas. Muitas Micaretas foram organizadas com sucesso por este clube.

2.16 ECONOMIA DO MUNICÍPIO

No setor de produção agrícola, um dos distritos mais importantes de Jacobina é Caatinga do Moura. Dista mais ou menos 50 quilômetros daquela cidade e pode-se chegar até lá, através de acesso relativamente fácil. É um local muito habitado e há mais de meio século vem conservando uma tradição muito especial: é a região da Bahia onde mais se cultiva alho e se produzem doces caseiros.

Até a década de 50, a cana-de-açúcar era a cultura que mais se destacava no distrito e a produção era utilizada especialmente no fabrico de aguardente, rapadura e açúcar-de-forma, vulgarmente conhecido por açúcar-sujo.

Segundo o Sr. Antônio Barbosa de Souza - filho de um dos desbravadores do lugar e comerciante que se dedicou à agricultura, cultivando sisal, alho e mamona -, a produção do alho em Caatinga do Moura tomou realmente grande impulso, quando ali foi autorizada a instalação de um Posto de Revenda de implementos agrícolas, da alçada do Estado. Com dois tratores à disposição dos agricultores, a produção de alho que, à época, ou seja, no ano de 1959, era de 600 toneladas/ano, dois anos depois passou a ser o dobro. Atualmente, o distrito é responsável por mais de cinquenta por cento do alho produzido no Estado. "A produção de alho na Bahia atinge média anual de 400 toneladas" - afirmou aquele cidadão.

O alho encontra, nos baixios de Caatinga do Moura, todas as condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Nos anos de inverno regular a safra do alho apresenta melhor resultado, embora se trate de cultura de irrigação.

Há agricultores que começam a plantar a partir dos meses de março/abril, ainda que essa época não seja muito adequada, vez que é mais propício esperar-se os meses de maio e junho, "quando se pega o fim do inverno".

A cultura do alho exige muita mão-de-obra a partir do preparo do terreno. Depois vêm a adubação, o plantio, cuidadosos tratamentos culturais e finalmente a colheita com todos os seus requisitos: a arranca, a secagem, o traçamento etc.

O plantio do alho, na forma tradicional, é feito em longos canteiros os quais recebem um dente de alho em cada cova num espaço que varia de 5 a 15 centímetros, de acordo com o estilo de cada produtor. Assim, em cada tarefa podem ser plantados de 20 a 30 pratos de dentes de alho. "Eu acho que o alho para ser bem plantado, 25 pratos de dente de alho é o ideal para uma tarefa".

26

Do plantio do terreno até a colheita, dependendo da variedade do alho, pode ocorrer interstício entre 90 e 120 dias, no máximo. O alho comum, o antigo alho do reino ou alho branco como é popularmente conhecido, dá com 100 dias.

Quando a safra do alho é boa, podem-se colher, sem dúvida, até três quilos numa tarefa, o que vale dizer, nos cálculos do Sr. Barbosa, mais de 100 quilos por cada prato - 5 quilos de dentes plantados.

Como todas as culturas, o alho também é susceptível a doenças e pragas, mas que já são conhecidas e facilmente controladas, quando identificadas a tempo. Para isso, conserva-se estoque de todos os produtos utilizáveis, no caso de precisar debelá-las.

A cultura do alho comum ou branco, tradicional na região, está sendo substituída pela cultura das variedades cateto-roxo, branco-mineiro e gigante-de-lavínia. São variedades comerciáveis, que apresentam cabeças mais bonitas, bem formadas e dentes maiores.

Existem produtores que cultivam alho apenas para sementes. São culturas feitas dentro de maior rigor técnico e supervisionadas por / profissionais da área agrícola. A produção é comercializada exclusivamente para os produtores.

Em Caatinga do Moura, calcula-se que existam cerca de 200 produtores de alho, chegando, alguns deles, a produzir até 30 toneladas/ano. Dentre os consumidores do alho ali produzido, destaca-se o Estado do Piauí.

O distrito de Caatinga do Moura tem população de 7 mil habitantes e calcula-se que sessenta por cento dessa gente trabalha na agricultura, principalmente nas atividades ligadas à cultura do alho.

O produtor do alho, no entanto, não se dedica somente a essa / cultura, cujo plantio acontece apenas em determinada época do ano. Enquanto não planta alho, cuida de outras coisas, principalmente do plantio de hortaliças: tomate, cenoura, pimentão etc.

Em 1983, por exemplo, foi enviada, de Caatinga do Moura para / São Paulo, grande quantidade de tomate para suprir crise desse produto naquele Estado.

Doces Caseiros

Além dos produtos agrícolas já citados, naquela localidade há considerável produção de doces caseiros de diversas variedades: goiabada, burití, marmelo, manga, batata e principalmente banana. A propósito, basta mencionar que a produção de doce de banana chega a atingir, semanalmente, entre 14 e 15 toneladas.

Todo doce que se produz em Caatinga do Moura é consumido nas /

27
praças de Jacobina, Feira de Santana, Morro do Chapéu, Irecê etc.

Depois de frio, o doce produzido é cortado em fatias de 500 a/ 1.000 gramas e embalados com muita originalidade em palha seca de bananeira. Assim, é comercializado.

São muitos os fabricantes de doces em Caatinga do Moura. Para melhor organização e orientação da classe, foi fundada, recentemente, a Associação dos Produtores de Doces Caseiros de Caatinga do Moura, contando, presumivelmente, com 86 associados quando todos estiverem cadastrados.

Afora o doce de banana, que tem produção contínua, os demais doces são de produção temporária, vez que dependem da safra.

Comumente, os fabricantes de doce estocam sua produção, aguardando a época de maior procura no mercado. De forma, que não é surpresa, em qualquer época de ano, encontrar-se em Caatinga do Moura, todo tipo de doce, ali fabricado de maneira artesanal.

2.17 USINA DE RESFRIAMENTO

O Município de Jacobina detém uma usina regional de resfriamento de leite, instalada a três quilômetros de sede, cuja capacidade é de 60 mil litros/dia. Pertence à empresa ALIMBA - Produtos Alimentícios da Bahia S. A., com matriz em Salvador, onde funciona uma usina de produção e beneficiamento.

A função da usina de resfriamento de Jacobina, como as similares instaladas na Bahia, é recolher diariamente o leite produzido na região, resfriá-lo e transportá-lo para os centros de produção e beneficiamento, no caso Salvador e Senhor do Bonfim.

O leite é transportado em carros isotérmicos, na temperatura de um ou dois graus centígrados positivos. Assim, apesar da relativa distância entre Jacobina e Salvador, por exemplo, o leite não sofre alteração.

Segundo o Sr. Paulo Carneiro, gerente da Usina, o município de Jacobina, no que diz respeito à produção de leite, isoladamente, não justificaria manter-se ali uma usina de resfriamento. No entanto, geograficamente, está situado num ponto de convergência com relação aos municípios de Caén, Miguel Calmon, Mairí, Serrolândia e Mirangaba, tornando-se pólo distribuidor da produção leiteira de todas essas localidades.

Ainda na opinião do Sr. Paulo Carneiro, fato lamentável ocorrido na região, em decorrência da longa estiagem dos últimos cinco anos foi o desaparecimento de mais de cinquenta por cento do rebanho leiteiro.

Na região, nunca houve grandes produtores de leite, mas sim, / muitos produtores, com fornecimento variando entre 10 e 200 litros/dia

No município de Jacobina, estima-se que há, atualmente, cerca/ de 120 produtores de leite com produção média de 40 litros/dia, compreendendo-se os que são clientes da ALIMBA e os que comercializam o leite "in natura" na cidade.

2.18 AGRICULTURA E PECUÁRIA

Os principais cultivos são representados pelo alho, com o qual Jacobina ocupa o primeiro lugar em produção no Estado. Em seguida, o/ sisal e a mamona sobressaem-se, conquistando a segunda colocação em / toda a produção baiana. Outros cultivos, que também apresentam grande produção são a mandioca, o milho, o feijão, o tomate e a cenoura.

Segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da / Bahia (EMATER-BA), no município de Jacobina as culturas acima referidas recebem designações distintas: a) culturas de área irrigada; b) cultu/ ras de área seca.

Como principais culturas exploradas, mediante processos de ir- rigação, tem-se o alho, o tomate, e a cenoura; as de área seca são o/ sisal, a mamona, a mandioca, o feijão e o milho.

Na pecuária, o município se posiciona com relativo destaque. / Possui grande número de rebanhos de caprinos e ovinos. Seu efetivo de gado bovino, segundo dados recentes do IBGE, é de 111mil cabeças. A/ estimativa para caprinos e ovinos (juntos) é de 58 mil cabeças; suí- nos, 10 mil cabeças; cavalares, 13 mil cabeças.

A criação de espécies selecionadas já deu aos pecuaristas jaco- binenses prêmios em várias mostras importantes. A própria cidade disp/ põe de Parque de Exposições Agropecuárias, tal é a significação que / a atividade desfruta junto aos jacobinenses.

2.19 MINA DE ITAPICURU

A Mineração Morro Velho S.A. lavra um conjunto de minas de ou- ro, situadas na região central do Estado de Minas Gerais, dentre as / quais se destaca a Mina de Morro Velho pela sua importância histórica no desenvolvimento da mineração subterrânea do Brasil. A Mina Morro / Velho completou, em 1984, o seu sesquicentenário de exploração inin- / terrupta por empresas de mineração. Em 1982, com o funcionamento da / Mina de Jacobina, as atividades de lavra e tratamento de minérios da empresa estenderam-se também ao Estado da Bahia.

O grupo de mineradores instalou-se em Jacobina, em 1973, época / em que tiveram início as pesquisas geológicas, prolongadas até 1979, /

quando então estabeleceu-se a Mina Itapicuru, localizada na Serra do Vento, a 15 Km da cidade. Do início de 1979 até 1980, foi feita a avaliação econômica das jazidas e o projeto das instalações da área / industrial, que até agora tem correspondido às expectativas dentro do plano estabelecido na época.

"O minério é submetido a processos de cominuição por britagem e moagem, até atingir a granulometria necessária à liberação das partículas de ouro. A recuperação desse ouro é parcialmente obtida por concentração gravimétrica, em mesas vibratórias, sendo o concentrado encaminhado diretamente à pirometalurgia."

"O restante do metal contido é recuperado pelo processo de cianetação. O ouro solubilizado é separado da polpa por filtragem e reprecipitado. O ouro obtido é refinado eletroliticamente e moldado em barras, com até 99,9% de purezas".

2.20 COMÉRCIO E INDÚSTRIA

A Associação Comercial e Industrial de Jacobina foi fundada / em 1974. Desde então vem mantendo o Serviço de Proteção ao Comércio / (SPC), contando atualmente com 140 associados. Conforme declarações / do seu presidente, João Santana Filho, o número de empresas comerciais, devidamente registradas, atinge o total de 800, diversificando-se nos ramos de confecções e tecidos, calçados, material de construção, alimentícios etc. No setor atacadista, o comércio de Jacobina, supre as necessidades dos municípios vizinhos.

No setor industrial, destacam-se as empresas: Mineração Morro Velho (exploração de ouro), Cerâmica Jacobina (blocos para construção civil) e a Companhia de Celulose da Bahia (beneficiamento do sisal). Além, dessas, são registradas também as pequenas indústrias de transformação ou beneficiamento: 8 beneficiadores de sisal (extração e beneficiamento da fibra); 2 fábricas de produtos de milho; 7 panificadoras de maquinaria elétrica; 1 fábrica de confecções; 2 empresas // produtoras de lajes e paralelepípedos de arenito; 1 empresa mecanizada de exploração de brita; 2 empresas beneficiadoras de mármore; 1 empresa de torrefação de moagem; 1 empresa de beneficiamento de mandioca e 2 indústrias de cal virgem.

O município de Jacobina ocupa o 13º lugar no Estado da Bahia / quanto a arrecadação de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias).

2.21 ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS

A rede bancária de Jacobina é constituída de sete estabelecimentos bancários: Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco do Esta-

do da Bahia, Banco Econômico da Bahia, Caixa Econômica Federal, Banco Brasileiro de Descontos e Banco Itaú.

2.22 COMUNICAÇÃO, TRANSPORTE, LAZER E RELIGIÃO

No setor de comunicação a cidade de Jacobina conta com o jornal "A PALAVRA", completando vários anos de circulação. Vários exemplares dos jornais desativados que o antecederam são guardados como relíquias da história de Jacobina, alguns deles com mais de meio século: "A Primavera", "O Ideal", "O Centro", "O Lídador" e "A Vanguarda".

A cidade dispõe de duas estações de rádio, sendo uma "AM" e outra "FM" e com uma repetidora de televisão, captando os sinais gerados pelas emissoras de Salvador: A TV Aratu que retransmite a TV Manchete, a TV Bahia que retransmite a TV Globo, a TV Itapoan que retransmite o SBT e a TV Bandeirantes que vem diretamente de São Paulo. A comunidade é ligada ao resto do país e com o exterior, pelos sistemas DDD e DDI da Telabrás. Tem também canais de telex em funcionamento, serviços de radioamador e agência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Na área de transporte, a cidade possui um pequeno aeroporto, dispondo de 1.300 metros de pista asfaltada; várias empresas de ônibus com linhas regulares para a capital do Estado e o Sul do país. Para as cidades vizinhas e povoados da região existem linhas normais de transporte rodoviário e outras servindo o setor urbano.

No centro da cidade, funciona um cinema com capacidade para 700 pessoas. Dentre as várias agremiações sócio-esportivas, destacam-se os clubes "Leader", "2 de janeiro" e "AABB". Além dos vários bares e boates, podem-se enumerar vários locais de passeio como por exemplo as diversas cachoeiras na periferia da cidade. O estádio de futebol de Jacobina é dotado de modernas instalações.

A Religião predominante é representada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Entre os templos católicos antigos, dois são tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional.

Existem também cultos Presbiterianos, Batistas, Assembléia de Deus, Adventistas do 7º Dia, Cristãos do Brasil e Testemunhas de Jeová.

2.23 SAÚDE, HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO

Com relação a setor de Assistência Médica, o município de Jacobina possui dois hospitais na sede, com 140 leitos, além de dois postos de saúde (um municipal e outro estadual) e ainda dois centros

médicos particulares. Atualmente um número elevado de profissionais, entre médicos e dentistas. Na vila de Caatinga do Moura, existe um posto de pesquisa de equistossomose, onde atuam integrantes da Universidade de Brasília. É bom ressaltar a Clínica Santa Bárbara com um bom atendimento em Jacobina.

Entre os dois hotéis principais, existe um que se destaca, por ser instalado em um dos morros que circundam a cidade, a 600 metros de altitude. Além dos hotéis, a cidade conta com várias pensões com capacidade total para aproximadamente uma centena de hóspedes.

São numerosos os locais onde se servem os tradicionais pratos típicos e característicos do sertão baiano. A especialidade da terra é "buchada", um preparo especial de Vísceras de ruminantes com tempero verde. Corre também no sertão a fama de Jacobina no preparo de doces caseiros feitos nas variedades de leite, buriti, marmelo e, // principalmente, banana.

2.24 EDUCAÇÃO

FAED - EXERCÍCIO 1989

ESCOLAS:

MUNICÍPIO

1- Escola Estadual de 1º grau Yeda Barrada	Jacobina
2- Grupo Escolar Dr. Alfredo de O. Souza	"
3- Grupo Escolar Pe. Alfredo Haasler	"
4- Grupo Escolar Luis Anselmo da Fonseca	"
5- Grupo Escolar Alice Barros de Figueiredo	"
6- Grupo Escolar José Prado Alves	"
7- Grupo Escolar Emília Brandão	"
8- Grupo Escolar Reinaldo Jacobina Vieira	"
9- Grupo Escolar Felicidade de Jesus Magalhães	"
10-Grupo Escolar Adonel Moreira de Freitas	"
11-Grupo Escolar Frei José da Encarnação	"
12-Grupo Escolar Telma Rocha	"
13-Grupo Escolar Escolas Reunidas M ^ª Glória M ^ª Prima	"
14-Grupo Escolar Escola Estadual Lourival M. Souza	"
15-Grupo Escolar Escola Estadual Edvaldo Valois Coutinho	"
16-Grupo Escolar Parque Rodoviário	"
17-Grupo Escolar Paroquial de Jacobina	"
18- Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro	"
19-Escola Estadual João Dias de Souza	
20-Escola Estadual de Itapeipu	
21-Escola Estadual do Junco	
22-Escola Estadual M ^ª de Lourdes Grasse	

PARTICULARES

- 1- Escola Letícia Teixeira
- 2- Escola Iolanda Dias Rocha
- 3- Colégio Comercial de Jacobina
- 4- Colégio Euzébio de Queiroz
- 5- Escola Castro Alves
- 6- Escola Pingo de Gente
- 7- Escola Moranguinho

MUNICIPAL

1- COMUJA - Colégio Municipal de Jacobina

História do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro

Uma comissão composta dos senhores D. Benjamim, Amado Barbe-
rino, Dr. Fernandes Alves, Dr. Adonel Moreira de Freitas, Dionísio
Teles, Francisco Brito e Numésio Lima, distribuíram convites aos //
pais de família e outras pessoas de projeção desta cidade, para uma
reunião que seria realizada na Sociedade dos Artistas Jacobinenses,
a fim de tratar da instalação de uma escola equiparada. Viam a ne-/
cessidade de darem a Jacobina um nível cultural mais elevado, atra-
vés da preparação de seus filhos.

Depois de muita luta e sacrifício o Instituto Senhor do Bom-
fim colégio da vizinha cidade do Senhor do Bomfim foi transferido pa-
ra esta cidade por ofício do Dr. Francisco Hermeno Santana. Diretor/
geral, dirigido ao Senhor professor Gilberto Caribé fiscal do refe-
rido Instituto naquela cidade. As 14:00 horas do dia 19 de março de
1939 em Sessão Solene foram iniciados os trabalhos do colégio Sr. do
Bomfim tendo sido realizado no dia 15 de fevereiro de mesmo ano o E-
xame de suficiência onde 41 alunos foram aprovados e 6 reprovados.

O seu primeiro diretor e proprietário foi o professor Deocle-
ciano Barbosa de Castro, falecido a 4 de agosto de 1940 com 65 anos/
de idade.

O Colégio que desde a cidade do Sr. do Bomfim vinha atraves-/
sando dificuldade financeira devido ter naquela cidade outro colégio
de religiosas - Sacramentinas com a morte do seu diretor esteve na /
emergência de fechar suas portas, só não acontecendo porque o Dr. //
Adonel Moreira de Freitas tudo fez para que isto não acontecesse, in-
clusive comprando às suas custas um terreno para a prática de Educa-
ção Física, porque receberam ordens da Secretária da Educação de fe-
char o colégio caso não dispusesse de uma quadra para prática de es-/
porte. Os poderes públicos longe de ajudarem procuravam dificultar a
permanência do Colégio.

Em 1945 encapado pelo governo e transformado no atual Centro
de E. B. de Castro.

A primeira turma de professores saído do Instituto Senhor do
Bomfim foi a de 1943, embora em 1940 e 1942 tenha saído outras tur-/
mas iniciada na cidade de Bomfim.

34

O total de alunos, hoje, no Centro Educaciona^l Deocleciano Barbosa de Castro é de mais ou menos 3.600 alunos e 107 professores.

A direção do Colégio é composta por: Diretora Geral - Nícia, Vice-diretora - do 1º grau - Tereza, Vice-diretora do 2º grau - profª Suzana, Vice-diretor do turno Vespertino Armando Xavier, Vice-diretor do Turno noturno - professor Jonas.

2.26 CONCLUSÃO

Ao fazer uma Monografia de Jacobina tivemos oportunidade de descobrir que no setor educacional há uma grande carência no atendimento à população estudantil; o número de Grupos Escolares é insuficiente até mesmo para os moradores da sede, não se falando da vizinhança que procura estas escolas.

Foi difícil a execução da Monografia em relação ao fator tempo.

Poderíamos ter feito um trabalho melhor: Apesar das dificuldades foi gratificante.

2.27 FONTES DE INFORMAÇÃO : Livro Banco do Nordeste do Brasil, Apontamentos da Professora Doracy Araújo Lemos, PAPE/ e SURED.